

## Antes agora o que há de vir

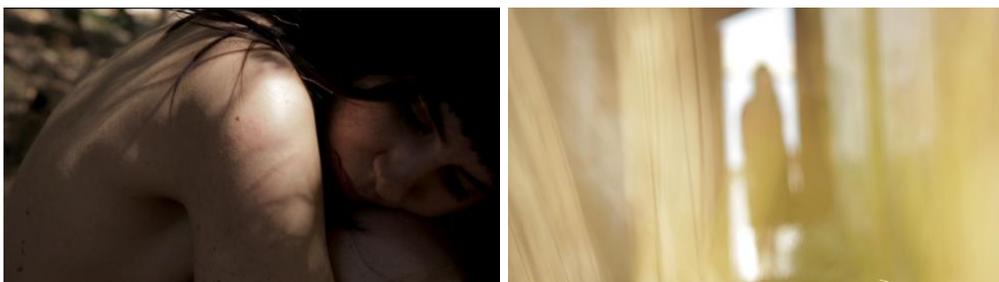
Curta-metragem de ficção / Portugal (2019)

Roteiro: Mariana Silveira

Direção: Mariana Silveira, Leonard Collette

Produção: UBICinema

*Uma personagem vagante que a cada passo se afasta do que foi e do que é para refazer-se no que não chegará a ser.*



Eu queria voltar. Ao pé do pé de figo. A aquele dia antes do abalo sísmico. Ao dia em que tu me disseste que crescer é saber viver em meio a incertezas, sem saber ao certo como. Quero viver nos dias em que plantei minhas próprias árvores, os meus pés pequenos sobre os teus. Mas eu te deixei entre os escombros. Talvez sejam os vários eus que me habitam. Talvez sejam os ovários. Os hormônios que não se regulam. Talvez sejam os joelhos tortos, a curva da minha lombar, o meu corpo que não digere.

Eu não nasci para ser reta. A verdade é turva. Eu sou altos e baixos. Nasci para ser voo e queda. Para viver nas montanhas. Para costurar as linhas curvas. Para acolher o erro. Eu nasci para pisar sobre pedras. Para ser terra. E como terra, eu tremo.

Eu vou e não deixo rastros. Eu te escrevo com tinta neon, para que tudo brilhe aos meus olhos. Eu escrevo à mão para borrar os dedos. Eu visto as tuas fantasias. Vou morrer com elas. E tu meu amigo, jaz morto aos meus pés.

Eu repetia para mim mesma: “do chão não passa... do chão não passa...”. Entre os escombros, a promessa de ser um do outro, a mãe que saía antes de eu acordar, o caderno amarelo que guardava nossas primeiras histórias, meu cachorro peludo. Entre os escombros, o nome dela que cabe dentro do meu. Os sapatos do mesmo tamanho. O “me tira daqui”.

Eu espero as barreiras caírem, tudo ruir. Os muros e as fronteiras. Mas eu não te vejo. Ela me disse “do chão não passa”. E do chão eu morro. Entre os escombros o teu sorriso. O dia em que tu me seguraste pela ponta dos dedos e não me deixaste cair.

Eu te deixei entre os escombros. A espera do resgate. Caíram os castelos, as pontes, os muros sobre nós. Lembro das estrelas do céu do teu quarto. Da janela que dava dentro de casa. A tua letra escrevendo meu nome. Tu me salvaste de tudo que não era verdadeiro. E eu te acolho. Te devoro.

Eu virei escudo para te proteger. Eu te dei impulso e voei. Eu sou sombra, mancha, vestígio. Eu sou todas as árvores que já plantei. Eu sou as tuas palavras jogadas ao vento. Eu vivo na nossa esquina. No escudo que eu fiz para te proteger. Eu vivo no ponto final. Mas não há ponto que ponha fim.

Eu guardo tudo. Os olhos do meu cachorro. As flores dos pessegueiros. Os meus esconderijos. As pedras e a terra vermelha. Eu guardo o caminho até a tua casa. Os teus cílios grandes encostados nos meus. As minhas meias calças coloridas. O metrô que chegava sempre cedo demais. Eu penso na gente na chuva. E guardo. Eu guardo todos os pulos que dei de cima das árvores sabendo que os braços do meu pai me segurariam lá embaixo. Eu guardo as sementes. E eu me sotero. Me enterro. Eu guardo a certeza: é ao aceitar as mortes que se vive.